

Durante o resto da noite fiquei vivamente impressionado. De manhã, ao dispôr-me a sair da cama e ainda aturdido pelo sonho, olhei, como era costume, para o lugar onde estava o quadro de Faugeron. Não o vi. Atônito pelo que acontecia, saltei da cama e precipitei-me, com certa angústia, para a parede, a-fim-de me certificar. Realmente o quadro não estava na parede e apenas lá existiam as escáculas donde estivera suspenso. Relanceando um inquieto olhar por todo o quarto em procura de qualquer coisa a justificar-me o desaparecimento da tela, vi, com obstufacção, um individuo elegantemente vestido, sentado junto da cabeceira da minha cama a fixar-me e a sorrir malignamente.

Não tive tempo de abrir a bôca para lhe perguntar quem era, porque elle mesmo se apresentou.

—Sou o Demónio. Não me estranhes em tua casa. Apareço-te, porque sei quanto te preocupa o quadro produzido por esse pobre e iludido pintor—disse-me em voz de barítono, o metedico.

—O Demónio?!—exclamei, admirado e pouco sereno.

—Sim. Sou o Demónio.

—Não discuto quem seja o senhor. Que pretende e o que é feito da tela que ali me falta?

—Escuta! Sou, de facto, como já te disse, o Demónio, poderoso em tudo. Em vez do reles quadro, como são tôdas as telas que vós homens ertimaís, dar-te-ei a realidade.

—Não me interessa que seja o Demónio. Quero imediatamente o quadro—observei um tanto iroso.

—Não nos precipitemos, falemos serenamente e com clareza. Não me vês realmente, mas estou em tôda a parte. Sê prudente e escuta-me para nos entendermos.

Usando do mesmo trato, disse-lhe ao mesmo tempo que dei uma gargalhada de escárneo:

—Também pretendes estar em tôda a parte?! Dizes, nesse caso, o que já outrem disse!

—Não digo. Afirmo-o. Dantes era realmente Deus que estava em tôda a parte, superintendendo nos destinos da terra, por elle criada; mas como os homens, a quem deu o livre arbitrio, lhes saíram velhacos e assás diferentes, aborreceu-se do mundo, tendo-me, então, a frequentes instâncias minhas, trespassado todo o activo e passivo do globo terráqueo, onde vós homens viveis miseravelmente. Afinal foi bom negócio para elle, porque se livrou assim dos apuros em que me tenho visto para compreender completamente a estranha vileza dos homens entre si, resultando disso ser-me impossível ter sobre elles inteiro predomínio. Deus, ao passar-me este minúsculo planeta, não me soube explicar a natureza humana e apenas me disse representar para elle a alma humana um mistério. Por esta circunstancia, no trespassar não foi compreendida a Morte, ficando para seu uso, a-fim-de servir no ajuste de contas, especialmente com o bipede-homo, que havia criado em má hora.

Já sereno e um pouco crédulo pelo que ouvi, perguntei com algum interesse:

—Como se explicam esses negócios entre Deus e o Demónio?!

O meu CONTO de

—Fácilmente. Tudo no Universo é negócio. A vida é negócio, a morte é negócio, a eternidade é negócio, a verdade é negócio, a mentira é negócio. Imagina que até os próprios planetas negociam entre si! Deus é um comerciante afastado da vida activa e que tem apenas a morte para se entreter na eternidade. Eu sou também negociante e especulo em todos os sentidos. Com Deus tomei o compromisso de tentar a humanidade, para elle a aniquilar, sem comiseracção, com a Morte.

—Vens, certamente, propôr-me algum negócio?

—Claro. Reparando que és amigo da Verdade, venho propôr-te uma permuta.

—Que espécie de permuta? Da minha alma? Se é essa que procuras já não a possuo; eu mesmo a queime para que os outros homens, na vida, não tivessem superioridade sobre ela.

—Não é da alma que se trata. Isso foi em tempo quando eu era ainda inexperiente no negócio do mundo e julgava que a coisa de mais valia eram as almas dos homens. Só desejava almas; porém, foi um logro, porque os homens têm-nas muito pequenas, não valendo o que eu dava em troca delas.

—Nesse caso em que consiste a permuta de que me falas?

—Preciso, para ter completo o meu arsenal de maldade, de que me ensines a ser demasiado cruel. Vós homens sabeis sê-lo uns para os outros. Por isso, poderás dar-me a conhecer a vossa ferocidade. Em troca das lições dar-te-ei a verdade, que consiste numa esplendida collecção de máscaras, as quais usarás na vida para triunfares.

—Mas isso não é a verdade, são máscaras...

—Enganas-te. A verdade é questão de máscara. Possuir uma boa collecção delas é estar senhor da verdade e em condições de vencer os outros, cuja verdade são os seus disfarces.

—Tudo isso é bastante extraordinário e estou a crêr que é uma extravagância com que me queeres ludibriar.

—Não. Escuta. Para conseguires bom êxito na vida, repito, terás de usar boas máscaras. Eu tenho cedido já, em troca de outros favores, máscaras a diversos homens, que alcançaram, em pouco tempo, completos e estupendos triunfos. Aquelles que têm a estulta pretensão de atingir a culminância nos seus intentos pelas suas próprias mãos e desprezam as minhas comerciais e honestas propostas são sempre os fracassados na vida. O número de individuos fracassados é elevadissimo. E' mesmo a parte maior. Esses individuos ficam sempre ignorados e assim morrem.

—Isso é terrível!

—Sim, é terrível, muito terrível. Mas sem máscaras é impossível o homem assenhorar-se da

pacto com o Demónio

SÉRGIO AUGUSTO VIEIRA

verdade e vencer. A verdade é a vida. Para obter segurança na outra só é possível desde que se viva bem mascarado.

Depois de momentos de reflexão, perguntei:

—O sofrimento é também alguma máscara?

—O sofrimento, por si, não existe; é simplesmente uma máscara. A dôr, a alegria, a cólera, a inveja, a humildade, a bondade, tudo isso são máscaras de que o homem faz uso e que me pertecem como tudo mais.

—Não admittes a personalidade própria de cada homem?

—Não—continuou o demónio—. Todos têm diversas facetas, algumas as mais antagonicas. Assim como não existe, no mundo, a chamada humanidade, mas sim individuos da mesma sorte, não há uma personalidade em cada homem, mas tão somente diversas faces.

Acendendo um cigarro que o Demónio me ofereceu e sentando-me junto da minha secretária, obtempererei, mais ou menos resolvido a aceitar a proposta:

—Começo a interessar-me pelo que me contas e talvez aceite o negócio...

—Que é, acima de tudo, prático. Imagina que, possuidor de uma ótima collecção de máscaras, até a imortalidade alcançarás. Aquelles que venceram também no tempo e no espaço usaram collecções que eu lhes forneci.

—Então os homens, cuja memória gravamos e ficam a perdurar pelos séculos fora...

—Sim. Todos esses homens cujos nomes apontais e transmitis à posteridade usaram os meus disfarces e consoante a sua qualidade e durabilidade assim é o valor perdurante e consistente do seu nome.

—Mas eu sou indiferente a essas coisas!

—Quê?!—observou o Demónio, fazendo um

trejelto de escárneo e cravando-me um agudo olhar: Continuando, disse-me:

—Aceita o negócio e deixa-te de escrúpulos idiotas. Ora, sei bem que estás desejoso de pactuar comigo.

—E' verdade. De facto queria aceitar, mas desejei fingir desinteresse...

—Os homens são sempre assim. Já lhes conheço essa máscara com que vieram ao mundo. Dissimulam, com trocadilhos, a sua ambição de glória. São como entre vós certas mulheres, que levam tôda a vida a dissimular candura, beleza, virgindade, pudor, coisas que nunca conheceram.

—Que hei-de fazer para receber a tua collecção de boas máscaras?

—Assinar a declaração que trago já redigida.

—Assinar?!

—Sim, porque nos negócios do Diabo os homens costumam negar sempre a sua participação e, bastantes vezes, não cumprem os compromissos tomados.

//

Não argumentei mais. Tirando do meu casaco a caneta, sacudi-a até vir à ponta do aparo a tinta e assinei a declaração que o Demónio me apresentou a sorrir-se com satisfação maligna.

Ensinei-lhe tudo quanto eu conhecia da minha própria crueldade. Ele ficou contentissimo. Em troca deu-me a mais completa collecção de máscaras, que uso sempre quando saio à rua, onde os outros homens já não me olham arreçados. Só em casa me não utilizo dessas singulares expressões. Mas, ao contemplar-me ao espelho, com o rosto nú, tenho, então, medo da minha própria máscara.

A Ciência e o princípio da Autoridade

(Continuação da página 5)

a Ciência, ainda ultimamente ligada à Religião, estava subme-tida—indo contra as concepções de Aristóteles e das Sagradas Escrituras, foi entalado no dilema: ou o abandono das suas teorias... ou a fogueira. Ou porque, já velho, não tivesse a coragem necessária para arrostar com as consequências do seu gênio, ou por qualquer outra razão, o certo é que Galileu, optou

pela primeira saída. E se é verdade que as teorias abandonadas ressuscitaram de seguida, não se pode dizer que foi inútil a ameaça da Inquisição, por quanto, segundo Russel, «Galileu foi o último dos grandes Italianos». (1)

(?)—«A Inquisição afirmava que a sorte de Galileu seria um exemplo para que os demais se abatessem de delinquências deste género. Nesta afirma-

Fôra, porém, aberto o caminho. E, ainda que encontrando entraves aqui e além (3), estava pelos séculos fora garantida à Ciência a liberdade de construção, essa liberdade «que só a palavra beleza pode traduzir».

ção acertou pelo menos no que se refere à Itália. Galileu foi com efeito o último dos grandes Italianos. Nenhum italiano, desde então, foi capaz de delinquências desse género.—Bertrand Russel—«El Panorama Científico» Madrid 1931.

(3)—Na Alemanha, actualmente esboça-se um movimento tendente a separar a matemática hebráica da matemática ariana.